

ESTUDO DO PERFIL DE CAFEICULTORES CERTIFICADOS E NÃO CERTIFICADOS

Cecília Inês Casagrande Bócoli¹; José Marcos Angélico de Mendonça²; Cláudio Baquião Filho³; Luciana Maria Lopes Vieira Mendonça⁴

¹Tecnóloga em Cafeicultura, Muzambinho-MG, cbocoli@hotmail.com

²Prof. IFSULDEMINAS, MS, Campus Muzambinho, jose.mendonca@muz.ifsuldeminas.edu.br

³Prof. IFSULDEMINAS, Esp., Campus Muzambinho, cbaquiao@yahoo.com.br

⁴Prof^a IFSULDEMINAS, Dra, Campus Muzambinho, luciana.mendonca@muz.ifsuldeminas.edu.br

RESUMO: Em tempos de crise na cafeicultura, a certificação de uma propriedade cafeeira é uma possibilidade de diferenciação do produto final, além de ser uma garantia de competitividade maior no mercado. Este presente estudo objetiva analisar características que diferenciam produtores certificados e não certificados, quanto a aspectos referentes à assistência técnica, forma de comercialização e visão sobre certificação. Os dados foram obtidos por meio de uma pesquisa com 20 produtores certificados e 20 produtores não certificados da região sul de Minas Gerais e da região Alta Mogiana Paulista. Concluiu-se que uma das diferenças entre esses produtores está relacionada com a assistência técnica que além de ser mais frequente é mais abrangente nas propriedades certificadas. Nessas propriedades, além de haver maior produtividade, a qualidade final do produto é superior. Com relação à forma de comercialização pode se observar que alguns produtores certificados fazem-na diretamente com exportadoras ou através de contratos, o que não foi observado entre os produtores não certificados.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência técnica; comercialização; certificação; cafeicultura.

STUDY PROFILE COFFEE GROWERS CERTIFICATES AND NOT CERTIFIED

ABSTRACT: In times of crises in coffee productions, the certification of a coffee estate is a possibility of a final product differentiation, besides being a guarantee of greater competitiveness in market. This present study aims to examine characteristics distinguishing among certified and uncertified producers on aspects relating to technical assistance, marketing method and view of certification. The results were collected through a research aimed to 20 certified producers and 20 non-certified producers in the south of Minas Gerais and Mogiana Alta Paulista region. It was concluded that one difference between these producers is related to technical assistance that besides being more frequent is more abrangent in certified estates. In these properties, besides having higher productivity, the quality of the final product is better. Regarding the form of marketing can be noted that some certified producers do it directly with exporters or through contracts, which was not observed among non-certified producers.

KEY WORDS: Technical assistance, marketing, certification, coffee

INTRODUÇÃO

Atualmente, a busca por qualidade na produção de alimentos vem crescendo, a fim de atender a preferência de consumidores que estão dispostos a pagar mais por produtos diferenciados. Esses consumidores exigem garantia da qualidade dos produtos e da produção, optando por alimentos que estejam livres de contaminantes químicos ou outros resíduos, com menores riscos à saúde e ao meio ambiente.

Para que os produtores garantam competitividade neste mercado, é necessário buscar qualidade e desenvolvimento sustentável, ou seja, produzir de forma diferenciada, associando qualidade à responsabilidade social, ambiental, rastreabilidade, dentre outras. A diferenciação na produção abre portas para outros mercados, com menor concorrência e com maiores preços.

Martinez et al. (2008) relatam que a certificação pode ser entendida como o estabelecimento de atributos de um produto processo ou serviço, sendo também, a garantia de que ele se encontra dentro das normas pré-definidas.

Existem duas formas de certificação, sendo uma compulsória e a outra voluntária. A certificação compulsória decorre de regulamentações de cunho legal, através de leis, decretos e outros (exigidos pelo governo), sendo aplicados em produtos que tem elevado risco potencial de perigo, enquanto a voluntária é aquela decorrente de práticas ou exigências do mercado, que introduz confiabilidade ao produto (TRIANTAFYLLOU, 2003 apud PEREIRA, BLISKA e GIOMO, 2007). No caso do sistema agroindustrial do café, o que se encontra é a certificação voluntária com o intuito de transmitir ao comprador ou consumidor uma imagem de confiança, além de diferir o produto dos demais, aumentando, portanto, sua competitividade. (PEREIRA, BLISKA e GIOMO, 2007).

Segundo os mesmos autores, quanto ao tipo, existem as certificações de sistema e a de produtos. A certificação de sistema ou de processo não atesta a qualidade final do produto, mas sim que o processo de produção foi totalmente controlado de forma a minimizar os riscos e manter e/ou melhorar o nível de qualidade do processo. A certificação de

produtos atesta a qualidade de determinado produto, via análises sensoriais ou laboratoriais, comprovando o atendimento das exigências e normas pré-estabelecidas na certificação.

As certificações demandam qualidade do produto, respeito ao homem e meio ambiente, manejo e conservação do solo e águas, manejo integrado de pragas e doenças, substituição de insumos poluentes, monitoramento dos procedimentos e rastreabilidade de todo o processo, tornando-o economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto. O rol de exigência dos mercados importadores se inicia com requisitos de qualidade e sustentabilidade, proteção ao meio ambiente, segurança alimentar, condições de trabalho, saúde humana e viabilidade econômica (ZAMBOLIM, 2006).

Um número cada vez maior de consumidores tem dado preferência aos produtos que são certificados. A oportunidade em possuir uma propriedade certificada é considerada pelo cafeicultor, como uma forma de melhorar a imagem do seu empreendimento perante a sociedade, e a garantia de acesso a um novo nicho de mercado.

Tendo em vista a relevância da certificação para a cafeicultura, buscou-se com a realização deste trabalho, a detecção de diferenças que possam existir, quanto à forma de trabalho na produção de café, entre produtores certificados e não certificados.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho constou na primeira etapa, da aplicação de um questionário com 20 perguntas objetivas relacionadas à certificação, às questões ambientais, ao manejo da lavoura cafeeira, à assistência técnica e a forma de comercialização do produto. Para tanto, foram entrevistados 20 cafeicultores certificados e 20 não-certificados, de municípios da região Sul de Minas Gerais e da Alta Mogiana Paulista, durante o período de 15/04/2010 a 21/05/2010.

Os municípios abrangidos foram: Muzambinho, Guaxupé, Nova Resende, Botelhos, Cabo Verde, Caconde, Guaranésia, Alterosa, Carmo do Rio Claro e Monte Belo.

Após o recebimento do questionário respondido pelo cafeicultor, na segunda etapa do trabalho, foi realizado o agrupamento das informações, e os dados foram convertidos em porcentagem, para os itens: assistência técnica, visão geral sobre a certificação e forma de comercialização do café.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação à assistência, pode-se visualizar na Tabela 1, que entre os produtores certificados, 75% deles recebem a visita de um técnico em suas propriedades com intervalo mínimo de 3 meses, e outros 25% tem um técnico presente diariamente. No entanto, entre os produtores não-certificados, 50% deles recebem essa visita, com intervalo maior que três meses. A assistência técnica é uma ferramenta imprescindível para a potencialização da produção agrícola, proporcionando soluções tecnológicas, para que o produtor obtenha boa produção com menor custo.

Tabela 1 - Regularidade das visitas do técnico nas propriedades dos produto entrevistados. Muzambinho, 2010.

	Certificado	Não-certificado
Não recebo assistência técnica	-	-
Semanalmente	10%	-
Mensalmente	35%	5%
Bimestralmente	25%	15%
Trimestralmente	5%	5%
Em um período maior que três meses	-	50%
Tenho um técnico diariamente na propriedade	25%	25%

Na Tabela 2, considerando que a pergunta permitia a opção por mais de uma alternativa, a porcentagem foi determinada para cada uma destas alternativas separadamente. Com relação à área de assistência dos técnicos nas propriedades, foi observado que entre os produtores certificados, 45% recebem assistência em todas as áreas. Isto demonstra que esses produtores têm consciência da importância da atuação técnica para o êxito do seu empreendimento. Porém entre os cafeicultores não-certificados, apenas 25% recebem orientação em todas as áreas, a maioria deles, ou seja, 65%, procuram os técnicos apenas para a recomendação da nutrição das lavouras.

Na Figura 1, está ilustrada a produtividade média alcançada pelos cafeicultores. Percebe-se que os produtores não certificados obtêm produtividade menor sendo que 70% colhem até 30 sacas por hectare e ainda, 15% colhem menos de 20 sacas/hectare. A baixa produtividade pode estar relacionada com a utilização incorreta de insumos, adubação inadequada e um controle ineficiente de pragas e doenças, por falta de assistência técnica, como apresentado anteriormente.

Tabela 2. Porcentual do motivo da assistência dos técnicos nas propriedades cafeeira. Muzambinho, 2010.

Motivo da Assistência	Certificado	Não-certificado
Monitoramento e controle de pragas e doenças	25%	40%
Nutrição do cafeeiro	50%	65%
Meio ambiente	10%	-
Pós colheita	5%	-
Administração/comercialização	15%	-
Em todas	45%	25%
Outra	-	-

Porém, nota-se que entre os produtores certificados, 80% deles colhem acima de 30 sacas/hectare. Isto está relacionado ao fato da assistência técnica ser mais frequente e mais abrangente nas propriedades certificadas. A rastreabilidade e o controle da lavoura que ocorre nessas propriedades são fatores que possibilitam maior produtividade, pois a divisão de talhões auxilia no manejo adequado para cada um, indicando a necessidade da eliminação daqueles que são antieconômicos.

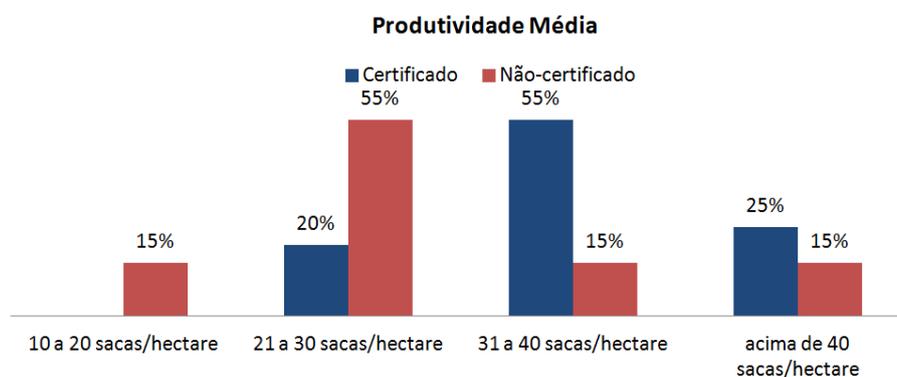


Figura 1: Representação gráfica da produtividade média obtida em dois anos nas lavouras dos produtores entrevistados. Muzambinho, 2010.

A avaliação do manejo de pragas e doenças é fator fundamental para um controle eficiente, indicando a necessidade de se fazer um controle químico. Na Tabela 3, pode se observar que 80% dos cafeicultores certificados fazem o monitoramento. Isso ocorre devido à frequência da assistência técnica na propriedade. Porém 75% dos não-certificados, informaram não fazer o acompanhamento de pragas e doenças através da amostragem, indicando que os tratamentos fitossanitários nessas propriedades podem estar inadequados. Um controle químico correto evita danos ao meio ambiente, controla o surgimento de patógenos resistentes e inibe gastos desnecessários com produtos, permitindo a expressão do potencial máximo da lavoura e a obtenção de maiores produtividades e também, da qualidade do café produzido.

Tabela 3. Porcentual de monitoramento de pragas e doenças realizado nas lavouras de café. Muzambinho, 2010.

	Certificado	Não-Certificado
Sim	80%	25%
Não	20%	75%

Na Tabela 4, estão apresentados os dados observados sobre a certificação dos cafeicultores entrevistados. É possível observar que 45% dos produtores não-certificados acreditam que a maior vantagem da certificação é o preço agregado ao produto, no entanto, entre os certificados, 50% deles afirmam que a maior vantagem da certificação é a rastreabilidade e o controle da produção, pois eles sabem que esta é uma ferramenta que os auxilia no melhor gerenciamento da propriedade e que, conseqüentemente, gera maior lucratividade no empreendimento.

A respeito das dificuldades encontradas, 50% dos produtores certificados afirmaram que a maior dificuldade na certificação das suas propriedades foi a de se enquadrar no regulamento da certificadora e 25% deles informaram que o custo da certificadora e das adaptações necessárias na propriedade, são as maiores dificuldades.

Tabela 4. Vantagens da certificação segundo os produtores certificados e não-certificados. Muzambinho, 2010

	Certificado	Não-certificado
O preço agregado ao produto	15%	45%
O reconhecimento do Produto pelo Mercado	10%	20%
O controle e a rastreabilidade da produção	50%	20%
Não vejo vantagem na certificação	15%	5%
Outra	10%	-
Não respondeu	-	10%

Entre os produtores não-certificados 40% acreditam que o custo da certificadora e das adaptações necessárias, são as maiores dificuldades, enquanto que 30% acreditam ser as dificuldades encontradas para se enquadrar nos regulamentos da certificadora (Tabela 5).

Tabela 5. Opinião dos produtores certificados e não certificados sobre as dificuldades na certificação das propriedades. Muzambinho, 2010.

Dificuldades da certificação	Certificado	Não Certificado
O tempo gasto até se tornar certificado	10%	15%
O custo da certificadora mais as adaptações necessárias	25%	40%
As dificuldades para se enquadrar no regulamento da certificadora	50%	30%
Outra	15%	-
Não respondeu	-	15%

Por meio da Tabela 6, percebe-se que 85% dos produtores certificados acreditam que a certificação é necessária atualmente e para o futuro. A maioria desse produtores entrevistados ainda estão em processo de certificação e, por isso, ainda não consideram os demais benefícios indiretos obtidos com a certificação. Entre os produtores não-certificados, 50% deles acreditam ser necessária para atender mercados específicos e 35% entendem como necessária para o futuro.

Tabela 6. Opinião dos produtores sobre a necessidade da certificação. Muzambinho, 2010.

	Certificado	Não-Certificado
Necessária atualmente	25%	5%
Necessária para o futuro	60%	35%
Dispensável	5%	-
Necessária para quando o produtor pretende atender à mercados específicos	20%	50%
Não respondeu	-	10%

Intenção de certificar a Propriedade

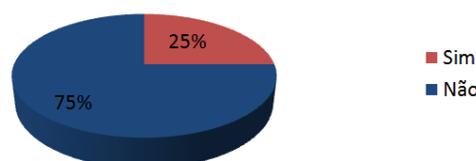


Figura 2. Representação gráfica quanto a intenção dos produtores não-certificados entrevistados em certificar suas propriedades. Muzambinho,2010.

Apesar de 35% dos produtores não-certificados terem informado que acreditam ser a certificação necessária para o futuro e outros 50% reconhecem que os cafés certificados atendem à demanda de mercados específicos, apenas 25% deles disseram que pretendem certificar suas propriedades. Isso ocorre porque a maioria deles acha difícil cumprir as normas das certificadoras e arcar com os custos das mesmas (Figura 2).

A Figura 3 representa a proporção de cafeicultores que participam das principais certificadoras das propriedades, sendo que algumas delas possuem mais de uma certificação. O maior número de entrevistados, ou seja, 15 deles são certificados pelo Certifica Minas Café. Justifica o fato de ainda não terem percebido vantagens na certificação como foi observado anteriormente, pois esse é um programa mais jovem, quando comparado aos outros.



Figura 3: Representação gráfica das certificadoras das propriedades dos entrevistados. Muzambinho, 2010.

Na Tabela 7, considerando que o produtor possui mais de uma alternativa quanto à forma de comercialização, a porcentagem foi determinada para cada uma destas alternativas separadamente. Os produtores certificados utilizam mais ferramentas para a venda de seu produto final. Sendo que 55% deles negociam no mercado futuro, 20% com exportadoras e 25% através de contrato e ainda outros 10% utilizam outras formas. Entre os produtores não-certificados, um índice muito baixo faz a comercialização do seu café de forma alternativa ao mercado físico. Apenas 15% deles negociam no mercado futuro e 5% com exportadoras.

Com relação ao mercado físico houve uma aproximação entre os dois grupos de trabalhadores. Isso pode ser devido ao fato de esta ferramenta de comercialização ser menos burocrática e de mais fácil realização de venda do produto. Segundo Araújo (2006) apud Chagas et al. (2009), apesar do café de ser uma commodity, o café especial apresenta algumas vantagens na comercialização, como a fixação de contratos a longo prazo com preços mais estáveis. Vários produtores brasileiros estão conseguindo contratos de três a cinco anos com preços pré determinados, na maioria das vezes com valores acima do mercado.

A falta de qualidade dos cafés produzidos nas propriedades não-certificadas, pode ser o motivo da ausência de diferenciação na comercialização do produto.

Tabela 7- Principais formas de comercialização do café dos produtores entrevistados. Muzambinho, 2010.

	Certificado	Não-certificado
Mercado Futuro/CPR	55%	15%
Exportadoras	20%	5%
A termo (contrato)	25%	-
Mercado Físico	85%	100%
Outras	10%	-

Observa-se por meio da Tabela 08, que 85% dos cafeicultores não-certificados produzem cafés de bebida dura ou inferior, enquanto apenas a menor parte deste grupo, 15%, consegue produzir cafés de bebida de melhor qualidade. Esse fato pode estar relacionado com a assistência técnica mais presente nas propriedades certificadas, que orienta um manejo adequado na condução da lavoura e na fase pós-colheita, que tem grande importância na preservação da qualidade do fruto colhido. Justifica também a limitação quanto à forma de comercialização do produto final, dos produtores não-certificados.

Tabela 8- Qualidade sensorial do café produzido

	Certificado	Não certificado
Mole	40%	15%
Apenas Mole	35%	-
Estritamente Mole	10%	-

Com relação à bonificação do café certificado, observa-se na Figura 4, que 35% dos cafeicultores recebeu algum reajuste em função da certificação. Em parte, é um índice baixo, justificado porém pelo fato de grande parte dos produtores certificados serem do Certifica Minas Café, que é um programa jovem comparado aos demais.



Figura 4. Representação gráfica da porcentagem dos produtores certificados que já receberam algum bônus em função da certificação. Muzambinho, 2010.

CONCLUSÕES

Com base nos levantamentos realizados com produtores de café, certificados e não certificado considera-se que:

1. A presença mais frequente de assistência técnica, bem como a maior abrangência do trabalho realizado com os cafeicultores certificados possibilita alcançar resultados tecnicamente mais viáveis à propriedade cafeeira, em relação à qualidade do café produzido e a capacidade produtiva da lavoura.
2. O esclarecimento com relação ao processo de certificação possibilita ao cafeicultor certificado a rastreabilidade e racionalização de insumos, otimizando os recursos da propriedade e promovendo maior lucratividade do empreendimento.
3. Há necessidade de novos trabalhos nesta área devido ao grande número de produtores certificados que não apresentaram resultados finais, a exemplo daqueles que são certificados pelo programa Certifica Minas Café.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAGAS et al., **Avaliação do mercado de café especiais**. 2009. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/1349.pdf>> Acesso no dia 17/03/2010
- MARTINEZ, J. R. L. T.; JESUS, J. C. S.; COCARO, H. **Casos Sobre a Certificação Utz Kapeh Em Empresas Cafeeiras Informatizadas: Impactos nas Pessoas Gestão e Competitividade**. 2008. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/9/925.pdf>>. Acesso no dia 14/03/2010
- PEREIRA, S. P.; BLISKA, F. M. M.; GIOMO, G. S. Desenvolvimento Sustentável e os Programas de Certificação em Andamento no Brasil. In: Zambolim, L. (Ed.). **Rastreabilidade para a Cadeia Produtiva do Café**. Viçosa: Editora UFV, 2007. p. 25 – 83.
- ZAMBOLIM, L. ; ZAMBOLIM. E. M., Subsídios para produção integrada de café. Zambolim, L. (Ed.). **Certificação de Café**. Viçosa: Editora UFV, 2006. p. 25 – 85